

**PERCURSOS LINGUÍSTICOS ENTRE A  
CIDADE E O SERTÃO: uma análise  
comparativa das adaptações na  
linguagem de alunos oiteirenses na  
Escola de Ensino Médio Cactáceas,  
Aracati-CE**

**LANGUAGE COURSES BETWEEN CITY  
AND HINTERLAND: a comparative  
analysis of oiteirenses students  
language adaptations in Cactáceas  
High School, Aracati-CE**

*Eduardo Brito Pereira\**  
*Renildo Franco da Silva (Mes.)\*\**



Imperatriz (MA), v. 2, n. 2, p. 19-34, jan./jun. 2020  
ISSN 2675-0805

Recebido em: 29 de janeiro de 2020  
Aprovado em: 04 de abril de 2020

## **RESUMO**

Este trabalho analisa os trajetos linguísticos na fala de alunos da localidade do Outeiro, em Aracati-CE, que estão no Ensino Médio e, simultaneamente, conectados com outras formas de falar. Tal abordagem se justifica pela necessidade de entender as adaptações na linguagem feitas pelos estudantes para se comunicar de maneira objetiva, bem como investigar as particularidades no modo de fala dos alunos no que toca os procedimentos de comunicação. Esse propósito foi conseguido através da pesquisa bibliográfica e exploratória, com base em dados encontrados em estudo de campo e de caso, evidenciando o caráter qualitativo. A metodologia utilizada foi a aplicação de um questionário subjetivo com seis questões abertas, com quatro jovens com idades entre 17 e 18 anos, baseando-se nas implicações dos estudos de Bagno (1999), Alkmin (2001), César (2017) e Labov (2007), entre outros autores. A pesquisa comprovou que os participantes sentem muita dificuldade em se desvencilhar do modo de falar trazido do interior para a cidade, e que, por vezes, foram corrigidos ou constrangidos por alunos da sede ou de outras localidades que não entendem as variações de determinadas palavras.

**Palavras-chave:** Adaptações Linguísticas. Trajetos Linguísticos. Variações Linguísticas.

\* Graduado em Licenciatura em Letras e Especialista em Língua Portuguesa: leitura e produção de textos pela Faculdade do Vale do Jaguaribe FVJ. E-mail: eduardo.brito.tecnico@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9125-2304>.

\*\* Mestre em Ciências da Educação e professor da Faculdade do Vale do Jaguaribe FVJ. E-mail: renildo.franco@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5657-4850>.

## ABSTRACT

This paper analyzes the linguistic paths in the speech of students from Outeiro, Aracati-CE, who are in high school and in contact with other ways of speaking. Such an approach is justified by the necessity of understanding the language adaptations used by students to communicate clearly, as well as to investigate the particularities in students' speech during the communication process. This purpose was achieved through bibliographic and exploratory research, based on data from field and case study, highlighting its qualitative character. The used methodology was the application of a subjective questionnaire with six open questions, with four young people aged 17 to 18 years old, based on the implications of studies of Bagno (1999), Alkmin (2001), César (2017), Labov (2007), and other authors. Research has shown that participants find it very difficult to turn off themselves from the way of speaking brought from the countryside to the city, and that they have been corrected or embarrassed by students from the city or elsewhere who do not understand the variations of certain words.

**Keywords:** Language and Speech. Preconception. Linguistic Variations.

### 1 Introdução

Este trabalho foi elaborado com o intuito de responder a dúvidas acerca das possíveis adaptações linguísticas que quatro jovens da comunidade do Outeiro, em Aracati-CE, precisavam fazer para se comunicar de maneira clara com os colegas de classe e toda a comunidade escolar no período do Ensino Médio. A pesquisa partiu da seguinte problemática: Como os alunos do Outeiro que estudam na Escola Estadual de Ensino Médio Cactáceas adaptam o seu modo de falar para que consigam se comunicar de maneira transparente com os outros alunos?

Esse enfoque se justifica pela necessidade de entender as adaptações na linguagem feitas pelos estudantes para se comunicar com objetividade, bem como investigar as particularidades no discurso dos alunos no que cerne à comunicação. Formas diferentes de se comunicar reunidas no mesmo espaço podem gerar atritos em determinados momentos, como também inconsistências de sentido de aluno para aluno, professores, gestores e funcionários.

Para alcançar os resultados esperados, foi traçado o objetivo geral que buscou investigar as particularidades no modo de falar dos alunos da localidade do Outeiro, em Aracati-CE, no seu processo de comunicação e as adaptações linguísticas feitas por eles na vivência em sua comunidade e na instituição educacional investigada. Como objetivos específicos, buscou-se: compreender como as variantes linguísticas acontecem em consonância a realidade de cada localidade e o ambiente no qual o falante está inserido; e comparar as falas dos outeirenses diante de outras falas, provenientes de alunos de outras localidades.

A metodologia utilizada pautou-se na aplicação de um questionário composto por seis questões subjetivas com quatro jovens de idades entre 17 e 18 anos, baseando-se nas implicações dos estudos de Bagno (1999), Alkmin (2001), César (2017), e outros autores que deram subsídios teóricos à revisão bibliográfica para que este trabalho fosse efetivo na sua totalidade.

Foi realizada uma pesquisa de campo na Escola Estadual de Ensino Médio Cactáceas. Do universo de 480 alunos nas três séries, um grupo com uma quantidade de quatro alunos participou da pesquisa. Por ser uma pesquisa qualitativa, a amostra envolveu apenas alguns sujeitos.

O texto deste artigo está dividido em: Introdução, com contextualização da problemática e dos temas estudados, objetivos e traços simplificados da metodologia; Referencial teórico, no qual se estabelece uma relação entre autores que abordam a temática estudada, em colaboração com os objetivos delineados; Materiais e métodos, que traz uma reflexão mais aprofundada de como a pesquisa foi delineada e realizada; Resultados e discussão, onde se discutem os resultados encontrados pela pesquisa, alinhados aos objetivos e à problemática determinados no início do projeto. O texto se finaliza com as Considerações Finais que expõem de forma breve e objetiva o resultado da pesquisa, além de retomar pontos principais já discutidos.

## **2 A sociolinguística e sua sociologia da variação das linguagens**

Dependendo do que se entende por fala, a sua origem pode ser antecipada ou retardada, mas colocar a origem da fala, assim como a conhecemos, por volta de 100.000 anos atrás não constitui uma datação exageradamente antiga. Como ela surgiu é fato amplamente debatido, mas as descobertas das neurociências, da paleontologia, da genética e de outras disciplinas, além da linguística, podem nos ajudar a formular e testar hipóteses (RASO, 2013).

Contudo, essa não é a finalidade deste trabalho. De fato, a capacidade da fala é uma dotação com a qual nascemos (juntamente com várias outras capacidades motoras e cognitivas) e que começa a se realizar muito cedo, desde que sejamos inseridos no meio social. O artifício de aquisição completa da fala dura alguns anos, mas com poucos anos de vida a criança domina essa modalidade, sem que isso impeça que ela se torne enriquecida durante toda a vida.

A linguagem tem uma relação direta com a Sociolinguística, ciência que tem como objeto de estudo os padrões de comportamento linguístico observáveis na comunidade de fala, que formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis (LUCHESSI, 2002).

A proposta acadêmica da Sociolinguística traz consigo a forma mais detalhada dos contextos histórico e linguístico de um meio social. Com ela, é possível encontrar explicações para os elementos que compõem as variantes linguísticas que perpassam o contexto histórico e o contexto linguístico em geral. Segundo Labov (2007), a fala cotidiana envolve muita variação linguística, algo com que a regra padrão da língua, representada pela gramática, não está preparada para lidar. As ferramentas para estudar a variação e a mudança sincrônica surgiram dessa situação.

Conhecida por Sociologia da linguagem, a Sociolinguística é a seção da Linguística responsável por estudar a relação entre língua e sociedade. Alkmim (2001, p. 31) simplifica afirmando que “é entendido que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, na prática. Seu ponto de partida é a comunidade linguística”.

Falantes constituem uma comunidade linguística não somente pelo fato de falarem o mesmo idioma, mas também porque o falam de modos diferentes e, mesmo assim, conseguem se comunicar. A Sociolinguística considera fatores como diferenças de gêneros, socioeconômicas, de faixas-etárias, de níveis de instrução e de localização (urbana ou rural) como condições primordiais para que haja a “transformação” das línguas em todos os espaços. Em outras palavras, a língua dos moradores rurais não é diferente da língua dos moradores da cidade, nem a mesma para homens e mulheres, jovens e idosos.

A Sociolinguística Variacionista, introduzida por William Labov, busca analisar os fatores e as questões linguísticas na conjuntura social, com a intenção de aflorar esse contexto no processo linguístico, promovendo a observação do multilinguismo, da variação e da mudança (BAGNO, 2009).

Um aspecto da área da Linguística bastante influente no entender da Sociolinguística é a Variação Linguística. Os sujeitos nativos de qualquer língua preservam costumes linguísticos dos seus antecedentes e aprimoram certas palavras ou expressões ao seu modo de vida e ao espaço que estão inseridos. É perceptível que as influências no contexto de fala auxiliam diretamente no que enfoca as variações, fazendo com que surjam sistemas linguísticos diferentes, podendo também ser compostos por normas dentro do espaço comunicativo daquela localidade.

Para Marcos Bagno (2008), existem no Brasil mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país, tanto pelos sobreviventes das antigas nações indígenas, como por imigrantes estrangeiros. Deduz-se daí que a linguagem tanto evolui no sentido de se transformar, como, em algumas situações, mantém arcaísmos e ancestralidades em pleno século XXI.

Segundo Alkmim (2001, p. 34),

os falantes adquirem a variação da língua própria a sua região, a sua classe social, entre outros fatores. De uma perspectiva geral, podemos descrever as variações da língua a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática).

Entende-se por variação geográfica ou diatópica a alteração decorrente do contato entre sujeitos de regiões diferentes e que se expressam através de uma língua, porém há modificações no significado dos vocábulos, na fonética das palavras e na sintaxe. Tomamos como exemplo, as diferenças entre o português falado no Brasil e o português falado em Portugal.

Já para Barbosa (2011), a variação social ou diastrática constitui um dos tipos de variação linguística a que os enunciadores são submetidos. São as diferenças entre os estratos socioculturais (nível culto, nível popular, língua padrão), ou seja, são as variações que acontecem de um conjunto social para outro. Relaciona-se a um conjunto de fatores que abordam a identidade dos falantes e também a organização sociocultural do grupo de fala.

A variante diastrática está relacionada à estratificação social, ou seja, à identidade dos falantes e relaciona-se com a organização sociocultural e econômica da comunidade. Nesse tipo de variação, podemos destacar: a classe social, a idade e o sexo. Essa variação é facilmente identificada.

Com base em estudos de vários autores, Musssalim e Bentes (2006) destacam situações que são essenciais para no destaque do multilinguismo na Sociolinguística: 1) situação ou contexto social: qualquer pessoa muda o seu discurso considerando os seus interlocutores, visto que há uma adequação do falante às finalidades específicas de uma situação, resultante de uma seleção “dentro o conjunto de formas que constitui o saber linguístico individual”; 2) idade: o uso do léxico particular, como o caso de gírias (“maneiro”, “esperto”, com o sentido de avaliação positiva acerca das coisas, pessoas ou situações), denota faixa etária jovem; 3) sexo: a duração de vogais como recurso expressivo, como em “maravilhoso”, como também o uso frequente de diminutivos, como “bonitinho”, costuma ocorrer na fala feminina (CAMACHO, 1986).

A variante diastrática, como também ocorre com a diatópica, pode ser fonética, lexical ou sintática, dependendo do que seja modificado pelo falar do indivíduo: falar “adevogado”, “pineu” ou “bicicreta” é variação diastrática fonética (CAMACHO, 1986).

### *Preconceito linguístico: uma diversidade fadada à padronização*

Diante de todas as diferenças linguísticas citadas, surge a discriminação linguística como um agente capaz de maximizar o desgaste e, de certa forma, a inibição quanto à utilização da linguagem padrão e das variantes linguísticas em situações comunicativas. O preconceito linguístico é, a grosso modo, o pré-julgamento que tem como objetivo diminuir ou inibir o sujeito que faz uso das variações da língua.

O combate ao preconceito da linguagem diariamente se torna cada dia mais importante, pois os falantes da língua devem compreender que, a comunicação efetiva não acontece tendo como base o domínio da língua, seu poder comunicativo ainda está ativo e precisa somente de adaptações. Este que usufrui da linguagem com variedades, deve adequar-se aos contextos e direcionar as suas habilidades linguísticas para cada situação, caso tenham sido desenvolvidas. Bagno (1999) reitera dizendo que é necessário compreender que todo nativo de qualquer língua é um falante apto dessa língua.

Assim, compreende-se que aqueles que não acessam a gramática, têm conhecimento da língua que falam. Qualquer indivíduo que consegue se comunicar na Língua Portuguesa ou através de qualquer outra, possui o conhecimento empírico altamente elaborado, contudo, por vezes, não tenha a capacidade de apontar esse conhecimento. Isso não é o resultado da instrução escolar, no entanto, é algo que foi obtido de maneira tão genuína e franca quanto a habilidade de andar (PERINI, 1999).

Refletindo acerca da variedade da língua, vale pontuar que, a instituição escolar, em determinados momentos, tenta estabelecer uma variante a todos os falantes, mas esquece que a unificação da língua compreende, especificamente, à categoria escrita, essencialmente estudada no espaço escolar.

Tarallo (1994) afirma que

a diversidade linguística produz uma condição especial à categoria falada, porque a língua transporta as variações dependentes por numerosos fatores que, por sinal, são primeiramente sócio culturais do que propriamente linguísticos, como: a faixa etária, o gênero, a situação socioeconômica e o nível de escolarização, entre outros fatores.

Por ser um país com muitas variantes, o Brasil é rico em variedades linguísticas e o reflexo disso se dá na fala dos brasileiros e não na escrita, por ser esta um traço habitualmente unificado.

O fato é que, como a ciência Linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja uniforme e homogênea. O monolinguísmo

é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrínseca e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais e de uso social (BAGNO, 1999).

### *A estigmatização dos falantes das variações da língua no contexto escolar*

Como a educação de qualidade infelizmente ainda é privilégio de poucos neste país, uma quantidade significativa de brasileiros permanece à margem do domínio das formas prestigiadas do uso da língua. Portanto, se todos acreditarem em uma língua única, identificada e construída a partir da manutenção da norma padrão, cairão nas armadilhas do desconhecimento da própria língua e endossando os conceitos preconceituosos da classe dominante.

Ter consciência de que a diversidade linguística existe e que é crucial, bem como conhecer as modalidades de utilização da língua e das suas variações, é de suma importância. A ausência desse conhecimento leva ao preconceito e, inevitavelmente, aos problemas gerados por ele na escola durante o processo de ensino e aprendizagem da língua.

Os falantes que não dominam a língua padrão são geralmente excluídos de participarem das atividades requeridas pela escola e passam a acreditar que não conhecem a língua que falam.

É comum acontecerem repreensões abusivas sobre desvios gramaticais, criando um ambiente opressor e receoso para o falante em desenvolvimento. Juntadas a isso, as diferenças econômicas e a dificuldade do acesso ao português padrão geram indivíduos totalmente descrentes de sua habilidade de acesso à norma gramatical.

Diante desse abismo social, não surpreende que muitos estudos empreendidos por diversos pesquisadores venham mostrando que os falantes das variações da língua estigmatizadas têm sérios problemas em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que se convêm somente da norma padrão (BAGNO, 1999).

É preciso que as instituições de educação e cultura reconheçam a genuína diversidade linguística do país (Brasil) e abandonem a lenda da unidade do português brasileiro, para assim projetar políticas de ação junto à população marginalizada dos falantes sem prestígio social.

Vale ressaltar que o mero domínio da norma padrão não irá, imediatamente, solucionar todas as dificuldades de uma pessoa desprovida de acesso à gramática.

Como diz Bagno (1999, p. 91): “É importante promover o acesso à educação em seu sentido mais largo, aos bens culturais, à saúde e à habilitação, ao transporte de boa qualidade, à vida digna de cidadão merecedor de todo respeito”.

Esse assunto é relevante para que os usuários dessa variante percebam e atentem para a adaptação linguística necessária para que não haja desentendimentos e mal-entendidos causados pela variedade existente na língua e regionalismos provenientes da linguagem falada por essas pessoas.

### 3 Materiais e métodos

O desenho investigativo desta pesquisa concentrou-se no enfoque qualitativo, que, para Triviños (1987), tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave.

Partindo de um levantamento bibliográfico, este trabalho foi executado com base nas nuances da pesquisa exploratória, pautando-se em hipóteses e intuições, o que para Gil (2008), por ser um tipo de pesquisa muito específica, quase sempre assume a configuração de um estudo de caso. Como qualquer exploração, seu processo depende da intuição do explorador (neste caso, da intuição do pesquisador).

Para fomentar de maneira mais eficaz os objetivos deste trabalho, utilizou-se o estudo de campo e de caso, que constituem a etapa mais importante da pesquisa, pois são responsáveis por *extrair dados e informações diretamente da realidade do objeto de estudo*. Conforme Yin (2001), o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados.

Os estudantes pesquisados cursaram todo o Ensino Fundamental na mesma escola, em sua comunidade de origem, e iniciaram o Ensino Médio em 2017 na escola que recebeu o nome fictício de “Cactáceas”, como uma estratégia de resguardar a instituição estudada. A escola possui 480 alunos matriculados, divididos nas três séries obrigatórias desse período da educação.

Aqui, a linguagem que determina as situações comunicativas dos falantes da comunidade do Outeiro foi analisada tendo como base um questionário composto por seis questões subjetivas abertas, o qual foi aplicado com quatro adolescentes de idades entre 17 e 18 anos. Esses colaboradores da pesquisa serão identificados no decorrer da apresentação dos resultados por “Participante 1”, “Participante 2”, “Participante 3” e “Participante 4”, para preservar a identidade dos quatro jovens.

#### 4 Resultado e discussão

Para tentar chegar a um resultado transparente, foram elaborados a partir do objetivo geral, dois objetivos específicos: 1º: compreender como as variedades linguísticas acontecem em consonância com a realidade de cada localidade e o ambiente em que o falante está inserido; e 2º: comparar o modo de falar dos oiteirenses com outras falas, provenientes de alunos de outras localidades.

A comunidade social em destaque foi formada por refugiados das grandes cheias que nos séculos passados assolaram todo o estado do Ceará e atingiu significativamente àquelas comunidades que estão situadas próximas ao Rio Jaguaribe. O Outeiro, por muitos anos, serviu de abrigo para pessoas que tiveram suas casas e móveis perdidos por consequência das fortes chuvas. Então esses indivíduos fixaram-se nesse local e iniciaram o procedimento de construção da organização cultural e linguística existente atualmente.

Um aspecto que chama bastante atenção neste processo de análise é o indicador que evidencia que a linguagem é peça chave no desenvolvimento da educação na sala, em combinação com as abordagens linguísticas, o processo pode lograr êxito ou não.

Para Terezinha (2013), na acolhida democrática da escola, com o intuito de promover situações que os incentivem a falar ou fazer uso da variação de linguagem que eles empregam em suas relações sociais, é evidenciado que as pendências de registro não constituem, científica e legalmente, objeto de classificação e que é importante o aprimoramento do registro nas diferentes instâncias discursivas.

Em consonância com a abordagem acima, todos os participantes acreditam que, de alguma forma, as variações da língua influenciam diretamente nas relações sociais na sala. A Participante 2 vê nas variações linguísticas uma oportunidade para desenvolver uma troca de saberes culturais, como deixou bem claro no seguinte fragmento: “olhando pelo modo em que vivenciei, é uma troca de cultura, de costumes, e é muito enriquecedor, pois conhecemos várias expressões e muitos costumes de nossos colegas”.

Ainda analisando a influência que as variantes da língua têm para o desenvolvimento social do indivíduo, a Participante 4 concluiu que esse fenômeno é algo positivo, visto que

a linguagem pode ser expressa de diversas maneiras e isso não deve ser visto como algo errado, afinal, variações linguísticas também são cultura, e, cada cultura se expressa de uma forma diferente. Não existe linguagem correta, mas inadequações da língua e ter visão disso, é ampliar o conhecimento e diminuir julgamentos acerca da pluralidade da linguagem.

Já para a Participante 1, as variações podem ter como consequência as dificuldades comunicativas: “algumas vezes, senti dificuldades para entender algumas expressões e isso impactou muito na nossa comunicação, já que na minha turma tem muitas pessoas de várias regiões”. A Participante 4, por seu turno, percebeu uma segregação fruto da presença de variação no mesmo espaço a sala: “nas questões de relacionamento, 'na maioria das vezes', alunos do interior se relacionam melhor com pessoas do interior, devido a vários fatores, principalmente a forma de se comunicar e se expressar”.

Dentre as observações que merecem destaque, pode-se ressaltar que as integrantes da pesquisa têm a consciência linguística de que as variações não são consideradas um erro, mas, dependendo do ambiente e os interlocutores envolvidos na situação comunicativa, podem ser inadequadas para determinados espaços. Como também merece destaque a fala da participante Participante 3 que observou que em uma sala mista, composta por indivíduos de vários lugares, os alunos da zona rural interagem melhor e com mais clareza e objetividade na linguagem com alunos oriundos dos mesmos espaços sociais.

O modo como cada indivíduo expressa as suas ideias em um grupo recebe influências diretas do contexto atual. Como afirma César (2017), a língua não está deslocada de uma conjuntura sociocultural, sua significação é decorrente de seu contexto de produção e sua força simbólica se potencializa pela força do grupo que a produz. Com isso, assim como a sociedade, não é uma associação estática, há transformações significativas no decorrer do processo histórico.

Tendo em vista a relação de influências mútuas entre língua e sociedade, os quatro participantes deixam evidente que o modo como eles falam e expressam as suas ideias e pensamentos é diferente do modo como os demais colegas da sala o fazem, visto que as turmas da referida escola são mistas em sua composição.

A Participante 3 expôs que

existem os dialetos mais gerais, que são compreendidos por grande parte dos nordestinos e os mais específicos, que só uma certa comunidade entende. Sendo assim, mesmo algumas vezes pensando parecido ou igual, o modo que utilizamos, pode apresentar certa estranheza por ser diferente.

A Participante 2 reforçou a ideia de que, quando o falante não tem a preocupação e a capacidade para adaptar a sua linguagem, com o intuito de desenvolver um processo de comunicação claro, pode haver inconsistências e/ou desentendimentos, como ressaltou: “diferente da maioria, muita das vezes em que falo como estou acostumada, muitas pessoas não entendem”.

O ser humano é diferenciado do restante dos animais principalmente pela língua que nos permite expressar não só ideias, mas sentimentos e conhecimentos, assim como fazer a exposição de opiniões que estão relacionadas aos assuntos cotidianos. É também através da língua que a comunicação acontece, gerando a interação entre as pessoas. Existe, entretanto, basicamente dois níveis da fala, que é o nível da formalidade e o nível da informalidade (PETRIN, 2018).

Em determinadas situações comunicativas as quais usa-se as variações, sejam as advindas de situações sociais ou culturais, regionais ou históricas, o indivíduo, como foi colocado pela Participante 3, pode se deparar com um momento de constrangimento por ter que procurar uma forma mais clara para expressar os seus pensamentos. “Ter que explicar tudo, o tempo todo, é cansativo, mas se faz necessário para uma melhor compreensão de ideias”.

As Participantes 1 e 2 atribuíram esse fenômeno à estranheza, mas, simultaneamente, reforçam a ideia de que pode, ainda assim, haver entendimento, como ressaltou a participante: “no primeiro momento eu estranho, porque vejo que determinadas expressões que são comuns para mim, não são tão comuns para outras pessoas, mas tento contornar a situação explicando melhor”; “embora, às vezes, me cause estranhamento, sei que é compreensível, pois cada região tem uma forma diferente de expressar a linguagem e não há nada de errado nisto”.

Pode-se atribuir facilmente esses acontecimentos ao fenômeno da variação na língua histórica, pois a variação histórica acontece ao longo de um determinado período e pode ser identificada ao se comparar dois estados de uma língua. Ao lermos alguns textos, na íntegra, do século XVII e XVIII nos deparamos com registros linguísticos que diferem dos de hoje (MENDES, 2000).

Alguns termos se tornaram obsoletos, outros permaneceram, mas com algumas alterações. Como exemplo, citamos o desuso de expressões com mesóclise: constatamos sua estranheza quando alguém lê trechos bíblicos com uma linguagem mais antiga. Os ouvintes tendem a demonstrar falta de familiaridade com esses termos, porém, apesar disso, muitas vezes concebem o teor de entendimento; a falta de compreensão não destitui o texto de sua coerência global (MENDES, 2000).

Para explicitar situações em que houve desentendimentos por causa da linguagem, a Participante 4 fez o seguinte relato: “uma situação comunicativa em que eu precisei fazer adaptações na linguagem para poder me comunicar com os outros foi quando uns alunos da minha turma estavam fazendo brincadeira 'perigosa' na hora do intervalo, aí eu disse: 'Óia, minrmã! Inharde de fazere um arte!'”. A maioria não entendeu a expressão, daí eu fui explicar que era como quem estava prestes a se machucar ou causar algo grave”.

As Participante 2 e 3 ratificaram a urgência em adaptar a linguagem ao ambiente em que o falante está inserido, como será mostrado nos trechos seguintes, respectivamente: “acontecia sempre quando contava algumas situações vivenciadas em minha comunidade e falava tal e qual as pessoas aqui falam. Sempre tinha que explicar o sentido do que havia falado”; “geralmente, eu precisava adaptar o meu modo de falar para o padrão da língua, nas apresentações de seminários para obtenção de nota, pois os professores não costumavam entender com clareza”.

No espaço em que muitas variantes estão presentes e agem simultaneamente a fim de efetivar a comunicação, é compreensível que haja momentos em que em aconteça preconceito linguístico que, para o professor, linguista e filólogo, Marcos Bagno (2002), é todo juízo de valor negativo (de reprovação, de repulsa ou mesmo de desrespeito) às variantes linguísticas de menor prestígio social. Bagno ainda reforça a ideia de que, normalmente, esse prejulgamento dirige-se às variantes mais informais e ligadas às classes sociais menos favorecidas, as quais, via de regra, têm menor contato com a educação formal ou têm acesso a um modelo educacional de qualidade deficitária.

Os participantes da pesquisa foram instigados a responder se, na escola em que estudam, já foram vítimas de atitudes preconceituosas pelo modo como falam, que “difere” dos demais alunos. A Participante 3 disse que “já aconteceu de eu falar alguma coisa e logo ser corrigido, como: 'tô avexado', 'amarelo queimado', 'aí dento!'. Não porque eu não saiba o 'correto', mas por força do hábito mesmo. Sempre tem um ou outro que corrija”. Já a Participante 2 deixou claro que nunca foi repreendida ou vítima de discriminação linguística: “os colegas de sala são abertos ao novo e gostam de saber e conhecer mais do nosso jeito de se expressar”.

Contudo, a Participante 4 relatou que foi corrigida por um colega de sala:

foi quando eu perguntei a uma colega se ela tinha uma ponta de grafite que pudesse me emprestar. Ela riu e disse que grafite era a própria ponta de colocar na lapiseira e maioria da sala concordou com ela. Eu fiquei meio confusa e disse que no meu interior aprendi que lapiseira era o apontador de lápis.

As adaptações linguísticas são essenciais para que falantes da língua consigam ser objetivos em situações comunicativas. Tudo será moldado a partir da idade do interlocutor, sexo, poder aquisitivo, status social e/ou região de origem desse receptor.

Nesse ponto, os participantes foram indagados se a linguagem que eles utilizam em situações de convivência na zona rural é a mesma forma que utilizam no

espaço da sala de aula, no Ensino Médio, com colegas de sala, gestores, professores e funcionários, entre outros.

A Participante 1 respondeu: “depende do grau de formalidade que a conversa tem, mas, na maioria das vezes eu uso a linguagem popular”. A Participante 2 evidenciou que sente dificuldades em adequar-se ao modo como as outras pessoas no espaço escolar se expressam: “é uma coisa supernormal para mim e eu não consigo me adaptar muito ao jeito que as pessoas da sala falam”. A Participante 3 corroborou: “a princípio eu tentava ser mais formal até com os alunos, para que eles compreendessem. Hoje, devido à convivência, não preciso filtrar tanto, porque eles já entendem um pouco, todavia, é sempre importante analisar as situações em que me encontro, ao falar com a diretora, por exemplo, tento evitar coloquialismos”. A Participante 4 evidenciou o que foi citado anteriormente: “isso depende muito do assunto e das pessoas envolvidas na comunicação”.

De todos os momentos da exposição dos resultados da pesquisa, merece ser focada a questão de que os participantes dominam a forma padrão da Língua Portuguesa, mas por terem vivido por muito tempo no interior e terem interagido com pessoas que dominam a variante daquele local, isso acarretou alguns entraves no decorrer dos três anos do Ensino Médio, visto que o espaço escolar é composto por alunos de diferentes locais ao redor da cidade, que trazem costumes, culturas e linguagem plurais.

Vale ressaltar as evidências de que em determinados momentos as participantes deixaram clara a efetivação do preconceito linguístico e até formas de zombaria que ocorrem nesse espaço quando linguagens distintas se encontram, desde o pedir para repetir determinada fala ou corrigir de maneira brusca a fala do outro, por não entender determinadas particularidades da linguagem.

#### **4 Considerações finais**

O processo investigativo acerca das adaptações linguísticas feitas por alunos do Outeiro na Escola Cactáceas, visando responder à pergunta da investigação que buscou saber de que forma os alunos do Outeiro que estudam na Escola Estadual de Ensino Médio Cactáceas adaptam o seu modo de falar para que consigam se comunicar de forma clara com os outros alunos, trouxe à tona as evidências que sinalizam que alunos da zona rural encontram dificuldades de comunicação ao estar em um espaço de multilinguismo, embora todos falem o mesmo idioma.

Foi detectado na pesquisa que os participantes entrevistados sentem muita dificuldade em se desvencilhar do modo de fala trazido do interior para a cidade e que,

por vezes, foram corrigidos ou constringidos por alunos da sede do município ou de outras localidades que não entendem o significado de determinadas palavras ou estranham algumas entonações específicas dadas às palavras.

Vale destacar as sinalizações que os participantes deram à pesquisa evidenciando que as adaptações na linguagem foram feitas em situações de sala de aula, mas que na maioria das vezes não obtiveram sucesso, pois, segundo eles, é muito difícil tentar mudar o modo de fala para tentar se encaixar em algum grupo. Contudo, reforçaram a ideia de que é necessário dominar a forma padrão da língua para momentos que exigem a linguagem formal.

Eles também trouxeram à tona a reflexão de que estar diante de variações linguísticas pode ser uma situação louvável, pois todos os falantes podem encarar as variantes como uma oportunidade de conhecer uma nova cultura, embora dentro do mesmo idioma. Além disso, reforçaram a ideia de que a língua tem a norma padrão, mas deve-se considerar as formas variantes da mesma língua que, como o padrão, seguem o objetivo de manter a comunicação, porém de uma maneira plural.

## REFERÊNCIAS

ALKMIM, Maria Tânia. Sociolinguística. In: Mussalin & Bentes. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 2. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália: novela linguística**. 16. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

CAMACHO, Roberto G. A variação linguística. In: **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o segundo grau**. São Paulo: CENP, Secretaria de Educação do Estado, 1986.

CÉSAR, Paulo Garré Silva. Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís-MA, v. 10, n. 3, set/dez.2017.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. Atlas, 2008.  
LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007.  
Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931.

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 1999.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. Campinas-SP: Coleção Leituras no Brasil, 1996.

PRADO MENDES, Soélis T. **A ausência de artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: caso de retenção?** FALE/UFMG, 2000.

RASO, Tommaso. **Fala e escrita: meio, canal, consequências pragmáticas e linguísticas.** Uberlândia-MG: Domínio de Linguagem, 2013.

RIQUE, Itamara Jamilly Cavalcante. **Preconceito Linguístico: Sociedade, Escola e o Ensino de Português.** Guarabira, PB. Universidade Estadual da Paraíba Centro de Humanidades: Departamento de Letras. Curso de Licenciatura Plena em Letras, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1994.

TEREZINHA, Schirley da Rocha. **Os desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE.** Paraná: Produções Didático-Pedagógicas, 2013.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. *In: \_\_\_\_\_*. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2. ed. Porto Alegre: Editora Bookmam, 2001.

## APÊNDICES



### QUESTIONÁRIO - ALUNOS

Você está convidado (a) a responder este questionário anônimo que faz parte da coleta de dados da pesquisa PERCURSOS LINGUÍSTICOS ENTRE A CIDADE E O SERTÃO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS ADAPTAÇÕES NA LINGUAGEM DE ALUNOS OUTEIRENSES NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO CACTÁCEAS, ARACATI-CE, sob responsabilidade do (a) pesquisador (a) EDUARDO BRITO PEREIRA, TELEFONE (88) 992856191, FACULDADE DO VALE DO JAGUARIBE FVJ. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso; c) sua identidade será mantida em sigilo; d) caso você queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

1- PARA VOCÊ, DE QUE FORMA AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS INFLUENCIAM NAS RELAÇÕES SOCIAIS EM SALA DE AULA?

2- O MODO COMO VOCÊ FALA E EXPRESSA AS SUAS IDEIAS E PENSAMENTOS É DIFERENTE DO MODO COMO OS DEMAIS COLEGAS DA SALA?

3- QUAL A SUA REAÇÃO, EM SALA DE AULA, AO SE ENCONTRAR EM UMA SITUAÇÃO EM QUE FALOU UMA PALAVRA OU EXPRESSÃO E APENAS OS ALUNOS DA SUA LOCALIDADE ENTENDERAM O SENTIDO?

4- RELATE UMA SITUAÇÃO COMUNICATIVA EM SALA DE AULA, EM QUE VOCÊ PRECISOU FAZER ADAPTAÇÕES NA LINGUAGEM PARA PODER SE COMUNICAR COM OS OUTROS? 5- RELATE UMA SITUAÇÃO EM QUE VOCÊ JÁ FOI REPRIMIDO NA ESCOLA POR FALAR “DIFERENTE” DOS OUTROS ALUNOS.

6- VOCÊ USA A LINGUAGEM DA MESMA FORMA NA SUA COMUNIDADE NA SUA ESCOLA, COM ALUNOS, PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS E GESTORES? POR QUÊ?